

A RELAÇÃO DO HOMEM COM A TÉCNICA: A RESPONSABILIDADE ENQUANTO PONTO DE PARTIDA PARA A REFLEXÃO¹

Cláudia Battestin²
Gomercindo Ghiggi³
Robinson dos Santos⁴

RESUMO

A presente pesquisa é resultante de uma investigação bibliográfica e teórica, buscando através de leituras em autores contemporâneos, analisar a influência e a relação do homem com a técnica, pois compreende-se que a sua potencialização e magnitude pode mudar de maneira rápida e silenciosa, aumentando o alcance e proporção. Nesta perspectiva, é plausível afirmar que a Técnica Moderna afeta a essência das ações humanas, desvelando na condição do Ser, que é frágil e finito, uma verdadeira fascinação e desejo pelo novo. Por essa via, o aumento do poder da técnica também colocou a Educação diante de uma tarefa urgente, que exige, da Responsabilidade moral, um alcance totalmente novo e desafiador. Palavras-chave: Técnica; Homem; Reflexão; Educação.

THE RELATIONSHIP OF MEN AND TECHNIQUE: RESPONSIBILITY AS A STARTING POINT FOR A REFLECTION

ABSTRACT

The present research is a result of a bibliographical and theoretical investigation, searching throughout lectures on contemporary authors how to analyze the influence and the relationship between men and technique. This is because it is understood that its enhancement and magnitude can change quickly and quietly, increasing the range and ratio of this relationship. Under this point of view, it is plausible to affirm that Modern Technique affects the essence of human actions, unveiling on condition of Being, that is fragile and finite, a real fascination and a desire for the new. By this way, the increase of power by the power has also put the Education in front of an urgent task, that calls, from the moral Responsibility, for a whole new and challenging scope. Keywords: Technique; Men; Reflection; Education.

1. Introdução

Para melhor compreender os motivos que regem este artigo, é importante reconhecer que a humanidade foi e é marcada por grandes evoluções e constantes mudanças no tempo, bem como, a constituição das mais distintas civilizações e suas culturas. No entanto, acompanhar as transformações da relação do homem com o meio é uma tarefa difícil, pois a mesma delimita e estreita importantes fatos e concepções que, muitas vezes, fogem à regra do entendimento coletivo. Torna-se necessário, então, observar que em cada época histórica surgem novos conhecimentos e acontecimentos⁵ que

passam a integrar e a interagir com o mundo da vida, ou seja, com a permanente relação entre os seres vivos.

Por meio deste eminente paradoxo, a seguinte questão é lançada: É possível acompanhar e compreender por que a relação entre o Homem e a Técnica chegou a uma conflagração e a uma desordem tão grande nos últimos cem anos da história?

Esta é uma tarefa desafiadora e pouco provável de ser compreendida na sua totalidade devido à magnitude de sua abrangência. O importante é a visualização e o discernimento, mesmo que de forma breve, das bases sociais, culturais e históricas das sociedades; uma vez que é diante destas adversidades e heterogeneidades que é possível compreender o caráter singular de cada momento vivido pela humanidade. Na explicação de Linton: “Toda vida em sociedade é um compromisso e tem a indeterminação e a instabilidade próprias das situações desta natureza” (1971, p.123, 124).

A modernidade, por exemplo, rompeu com a maneira de interpretar os fenômenos naturais para compreender a realidade, e, com isso, a visão mecanicista ganhou força com o advento da civilização tecnológica. Foi essa racionalização que gerou um desencantamento, e, na interpretação de Japiassú, a ciência moderna “já nasceu com um projeto de desencantamento do mundo: tudo o que descreve e explica encontra-se reduzido a um caso de aplicação das leis gerais do mecanicismo, leis estas desprovidas de todo e qualquer interesse particular” (1996, p.104).

É preciso tematizar os modelos predominantes, pois são estas que resultam uma série de alusões para as relações humanas, bem como, o rompimento das estruturas simbólicas e culturais dos grupos sociais. A partir destas rupturas, instauraram-se modelos de vida egocêntricos, em que o objetivo final passou a ser a busca por interesses estratégicos extremamente utilitaristas e instrumentais. É devido a esta necessidade e este desejo que se objetiva apresentar uma proposta que esteja em consonância com os problemas vigentes da atualidade, a fim de fundamentar e orientar um caminho que encontre, na ética, respostas e perguntas sobre como viver e educar diante dos desafios da civilização tecnológica. Se o desenvolvimento científico e tecnológico criou situações distintas e inimagináveis, a Educação tem como contrapartida a possibilidade de sensibilizar e promover a universalização e a construção de princípios e valores éticos fundamentados na Responsabilidade.

2. A Dinâmica da Técnica

A dinâmica da técnica, salienta o autor Hans Jonas, é um problema central de toda a existência humana sobre a Terra, “(...) alcança a quase tudo o que concerne aos homens, vida e morte, pensamento e sentimento, ação e padecimento, entorno e coisas, desejos e destinos, presente e futuro (...)” (1997, p.15). Este movimento possibilita analisar a Técnica Moderna⁶ sob um aspecto que, segundo Jonas “(...), não conduz a um ponto de equilíbrio ou *saturação* na adequação dos meios aos objetivos pré-fixados, mas, ao contrário, no caso de êxito, constitui o motivo para dar outros passos em todas as direções possíveis (...)” (1997, p.18). Ou seja, o poder aliado à técnica ganha força e autonomia, independente da vontade ou da escolha humana e o poder, aliado ao homem, eleva o próprio prestígio e a plenitude humana, pois, segundo Jonas, o “(...) *homo faber* aplica sua arte sobre si mesmo e se habilita a refabricar inventivamente o inventor e confeccionador de todo o resto” (2006, p.57). Sganzerla complementa afirmando que:

O perigo da técnica moderna, agora entendida como poder, aponta Jonas, está em seu caráter de magnitude e de ambivalência, pois não é mais possível fazer a separação entre o que pode ser classificado de boa ou má técnica, visto que, até mesmo a técnica considerada benéfica em sua essência, em logo prazo, seus resultados podem tornar-se prejudiciais e imprevisíveis. A isso, deve-se acrescentar também que os perigos da técnica tornaram-se invisíveis, promovendo uma aceitação do que é considerado de antemão como benéfico, dificultando, desse modo, qualquer tipo de questionamento (2012 p15).

Nessa linha de análise, cabe a pergunta: Em que momento a técnica passou a ganhar força e autonomia? Jonas faz lembrar que a técnica já foi reconhecida como “(...) um tributo determinado pela necessidade e não o caminho para um fim escolhido pela humanidade” (2006, p.43). Por exemplo, na antiguidade, a busca por recursos, a fim de assegurar a continuidade da existência humana, era essencialmente necessária e, segundo Jonas, “a violação da natureza e a civilização do homem caminham de mãos dadas” (2006, p.32). Se antes, os homens recorriam aos Deuses para pedir o que desejavam agora a técnica pode alcançar e engendrar todo o resto. Tal limite é enfatizado por Jonas ao lembrar que Prometeu “definitivamente desacorrentado” ao qual a ciência confere forças antes inimagináveis e a economia o impulso infatigável, clama por uma ética que, por meio de freios voluntários, impeça o poder dos homens de se transformar em uma desgraça para eles mesmos (2006, p.21). Prometeu desacorrentado é a representação das novas possibilidades que a técnica tem sobre os efeitos e o agir humano. A partir desta observação, fica nítido que a violação da natureza e a emancipação do homem andam juntas desde a representação do mito de Prometeu, seja na forma de pensamento trágico ou na inquietação provocada pela técnica. Com o mesmo intuito, o ser humano passou a construir ferramentas através das exigências de sua condição biológica, edificando, assim, a sua realidade.

Segundo Comín,(2001, p.15) com a chegada da modernidade, o mundo, a natureza e o universo deixam de ser objetos de estudo, não tendo o menor interesse para a filosofia. Através da chegada da modernidade, o progresso passou a ser um aliado da Técnica Moderna, e a imagem do “destruir para construir” passou a ser compreendida como sinônimo de avanço, de desenvolvimento econômico e social. Com o advento moderno, o ser humano passou a modificar o seu modo de agir, enquanto a autonomia e o poder técnico-científico contribuíram para que os interesses do *homo faber* prevalessem sobre o *homo sapiens*. Sobre essa questão, Jonas afirma:

O poder tornou-se autônomo enquanto sua promessa transformou-se em ameaça e sua perspectiva de salvação, em apocalipse. Torna-se necessário agora, a menos que seja a própria catástrofe que nos imponha um limite, um poder sobre o poder, a superação da impotência em relação à compulsão do poder que se nutre de si mesmo na medida de seu exercício (2006, p.237).

Neste impasse, chegamos ao ponto em que o poder da técnica tornou-se autônomo, não pertencendo mais ao homem, mas sim ao próprio poder que, por sua vez, dita as regras de uso ao indivíduo, transformando-o, conforme Jonas observa, “(...) em mero executor involuntário de sua capacidade. Que, portanto, ao invés de libertar o homem, escraviza-o” (2006, p.237). A partir desta afirmação, pode-se perceber mais uma vez o quanto a técnica deixou de ser um objeto de escolha humana, passando a ser também um “ambiente” em

que habitam humanos, tornando-se, segundo Sganzerla, “(...) a base de interpretação da existência humana, bem como da realidade extra humana, de modo que o único saber considerado com pretensão de validade é o saber instrumental” (2012, p.15).

É nesta sucessão de fatos que a Técnica Moderna, na afirmação de Giacoia “(...)”, está interiormente instalada para o emprego em larga escala e, nesse processo, torna-se talvez demasiado grande para a extensão do palco sobre o qual ela se passa, a Terra, e para o bem estar dos próprios atores, os homens” (1999, p .411). Importante destacar que, a partir do período moderno, os avanços da técnica intensificaram-se de forma incontrolável, aumentando, além das criações e invenções tecnológicas, os desafios de saber conviver com uma realidade nunca vista até então.

3. As criações e as intervenções tecnológicas

Foi a sucessão de descobertas, conquistas e possibilidades de criações e intervenções por via da Técnica Moderna, que tornaram o limite um mero desafio. A maneira de criar e de manipular produtos ou resultados mais parece um cenário de ficção científica, deixando poucas possibilidades para o ser humano discernir o que pode ser bom ou ruim. Jonas compreende que ainda há o poder de decisão diante de algumas situações, pois é a Técnica Moderna que ambiciona:

(...) aos objetos de desejo e necessidades humanas outros novos e incomuns, inclusive gêneros inteiros desses objetos... e com ele multiplica também suas próprias tarefas. O último ponto mostra o dialético ou circular: do caso: objetivos que em princípio se produzem sem ser solicitados e talvez casualmente, por atos da invenção técnica, se convertem em necessidades vitais quando se assimilam na dieta socioeconômica usada, e em seguida colocar à técnica a tarefa de seguir fazendo e aperfeiçoando os meios para sua realização (1997 p.18-19).

A partir desta citação, percebe-se o quanto a técnica é determinante aos anseios e às realizações dos seres humanos, tanto que Jonas remete ao passado para lembrar que "se Napoleão dizia: a Política é o destino, hoje podemos dizer: A técnica é o destino" (1997, p.19). Para Galimberti, essa questão é legítima, pois chegou-se ao ponto em que “(...) vivemos a técnica irremediavelmente, sem possibilidades de escolha” (2006, p.8). Sendo a técnica o porvir, observa-se um fenômeno extremamente complexo para ser analisado, pois no passado as revoluções poderiam levar décadas e até séculos para ocorrerem; hoje, ao contrário, existem projeções de revoluções que poderão ocorrer em fração de segundos. A única coisa que pode-se prever, segundo Esquirol,

(...) é que o amanhã será distinto, porém, dificilmente saberemos como será. Enquanto, dizemos que, o homem da Idade Média poderia fazer previsões sobre como seria a sociedade depois de várias décadas, observando que as mudanças possíveis teriam um alcance muito limitado, quem se atreve hoje a predizer a situação em que viverá a quarta ou a quinta geração a partir da nossa? (2011, p.117).

É analisando o passado e pensando no futuro que Jonas afirma “(...) se produziram revoluções, mas mais por causalidade que por intenção” (1997, p.16). Por exemplo, as revoluções agrícolas e metalúrgicas obtiveram avanços, criações e produções com aspectos

involuntários no decorrer do tempo. Na agricultura, os recursos agregados ao cultivo da terra serviam apenas para aprimorar a necessidade de produção e não para satisfazer uma ambição ou desejo de produzir mais. Os resultados de tais inventos ou revoluções ocorriam de forma lenta e sem planejamento ou organização formal, pois nada era avaliado e nem submetido, ao que Jonas chama de “progresso continuado” (1997, p.17).

Com a revolução mecânica, foi um pouco diferente, pois as máquinas contribuíram significativamente para o início de uma revolução industrial. Jonas destaca que a intenção inicial “(...) não era criar novos produtos, e sim substituir a força de trabalho humano (inclusive animal) na fabricação, na aquisição ou na gestão dos bens existentes” (1997, p.25). Na época, os principais objetivos da técnica não foram alterados, pois a finalidade era fabricar artefatos para o uso humano. No entanto, o que mudou foi a forma de produção e não o produto. Todavia, um novo modelo de desenvolvimento alterou o significado dos produtos, inclusive das próprias máquinas, aumentando, de forma acelerada, o consumo e, sucessivamente, o uso e a exploração dos recursos naturais. Jonas compreende que, por meio deste modelo de produção, as máquinas passaram a ser equipamentos integrados no mundo, representando um novo gênero, ou seja, o próprio equipamento técnico⁷. Hodiernamente, vive-se em uma sociedade onde predomina a obsolescência, todo produto passa a ser inutilizável ou trocado, mesmo estando em estado de funcionamento. Isso ocorre devido ao surgimento de novos produtos e de novas tecnologias. Esse fenômeno não acontece somente nas relações entre objetos culturais, mas também nas relações entre os próprios seres. Diante destes exemplos, Jonas observa que: “Estamos cada vez mais ‘mecanizados’ em nossas atividades e entretenimentos cotidianos e cada vez se adicionam mais coisas novas, enquanto a escassez de energia não põe freio ao processo” (1997, p.27).

A Técnica Moderna já passou para as mãos dos mais puros interesses comerciais e industriais e, para descobrir o seu alcance e objetivo, Jonas afirma que “(...) primeiro é preciso criá-los, demonstrar sua mera possibilidade através do efeito realizado. Com isso, o investigador teórico se converte em criador prático no ato da mesma investigação” (1997, p.73). Ou seja, estes são cientistas menos sensibilizados que se tornaram empresários para a distribuição lucrativa dos produtos de sua investigação. Outra situação preocupante é a manipulação de seres através da engenharia genética, podendo levar ao desaparecimento das limitações das ações, tanto no sentido moral como teórico. Respectivamente, quais seriam os limites e os fins da engenharia genética? Seria o prolongamento da vida? O controle do comportamento e a modificação genética? O que é possível afirmar, é que não se sabe ao certo até onde vão as consequências destes interesses, e a quem possa interessar. Porém, a destruição e os impactos causados ao meio natural não ocorrem somente na ordem física e orgânica da vida, mas também na mais pura e ínfima essência do Ser, onde vivem os valores, a compaixão e as virtudes. Jonas amplia esta ideia afirmando que “(...) não somos responsáveis pelos homens futuros, mas sim pela ideia de homem, cujo modo de ser exige a presença de sua corporificação no mundo” (2006, p.94). Hoje se sabe que o prolongamento da vida está no progresso da biologia celular, ampliando a duração da vida. Nesta perspectiva, Jonas (2004) questiona: Até que ponto isso é desejável para a espécie humana? Qual seria o sentido da finitude? E qual seria o ponto de equilíbrio entre a morte e o nascimento? A imortalidade de nossos atos afirma o autor “não é nenhum orgulho e vaidade” (2006, p.268), pois o ser humano não é eterno e nem imortal. É importante pensar sobre a ideia de humanidade que se tem e se almeja, bem como, sobre os caminhos e escolhas que serão feitas. A partir destas decisões, será possível frear ou potencializar o avanço da técnica, neste caso, está nas mãos de cada um o poder de decisão.

4. A ambivalência da Técnica

A técnica não apresenta “perigo”, podendo ser um bem em si; o problema está no uso que é feito dela. O exemplo da “faca de dois gumes” é apropriado uma vez que a técnica, assim como a faca, possui dois lados, um podendo servir para o lado do bem, e o outro, para o mal⁸. No caso da técnica, de um lado surgem os efeitos negativos, as catástrofes, os impactos e a má aplicação. De outro, os resultados positivos bem providos e sucedidos, que por si só estão contemplados e aceitos. Mas onde estaria o perigo? Em ambos os lados. Pois os resultados negativos são visíveis e possíveis de serem investigados, e os resultados positivos, aprovados pela sociedade, demandam cautela e reflexão. Na visão de Oswaldo Giacóia, existe uma grande dificuldade:

não apenas quando a técnica é perfidamente mal empregada, isto é, para maus fins, senão que mesmo quando é beneficentemente empregada para seus autênticos e altamente legítimos fins, ela tem em si um lado ameaçador, que, em longo prazo, poderia ter a última palavra. E o caráter de longo prazo está de algum modo embutido no fazer técnico. Por meio de sua dinâmica interna, que impele para a frente, recusa-se à técnica o espaço de liberdade da neutralidade ética, no qual temos que nos preocupar apenas com capacidade de rendimento (1999, p.409).

Hoje, não é possível afirmar se o perigo se encontra no fracasso ou no sucesso, é preciso estar atento ao que está por trás do cenário inovador tecnológico, pois segundo Canal, Jonas demonstra ter clara essa ideia de que a técnica pode “(...) girar para o lado do mal ou para o lado do bem e, até mesmo, o próprio bem pode converter-se em mal, pelo simples crescimento” (1998, p.141)⁹. Sobre essa dimensão e capacidade, Jonas faz a seguinte observação:

Os arados são bons, as espadas são ruins. Na era messiânica as espadas se transformaram em arados. Traduzido a tecnologia moderna: as bombas atômicas são ruins, os fertilizantes químicos que ajudam a alimentar a humanidade são bons. Mas aqui fica óbvio o dilema da técnica moderna: Seus “arados” podem ser em longo prazo tão nocivos como suas “espadas”! (E os efeitos que surgem “a longo prazo” estão, como temos dito, intimamente ligados ao emprego da técnica moderna). Mas neste caso são eles, os benditos “arcados” e seus pares, o verdadeiro problema (1997, p.37).

Existe, de fato, uma ambivalência natural nos acontecimentos da natureza, por exemplo, o vento que move um barco é o mesmo que poderá levá-lo ao naufrágio; esses são riscos previstos na incerteza dos fenômenos naturais. Ao contrário, com a intervenção e com a presença da técnica, o mesmo barco poderá naufragar devido ao mau emprego ou uso desta. No entanto, qual seria a finitude ou o limite desta dinâmica? Pelo fato da técnica apresentar uma configuração indeterminada, Jonas salienta que o progresso passa a ser ilimitado “(...) porque sempre haverá algo novo e melhor que encontrar” (1997, p.21). A técnica tem a característica e a capacidade de transcender em larga escala com caráter imediato, cujos efeitos poderão perpassar por inúmeras gerações, vidas e histórias. Decorrente deste pensamento, Jonas assegura que: “(...) hipotecamos a vida futura em troca

de vantagens e necessidades em curto prazo... sendo que, na maioria das vezes, estas necessidades foram criadas por nós mesmos” (1997, p.35).

Diante desta realidade, cabe a pergunta: Como conviver em harmonia e equilíbrio com a técnica? Hoje, só seria possível especular como seria esse equilíbrio, uma vez que a técnica age independentemente da vontade ou da escolha humana. A técnica já não é somente um meio para alcançar determinados objetivos, ao contrário, segundo Canal “(...), ela se transformou em uma força com próprios e inerentes fins e objetivos. Cada inovação técnica em curto tempo se estende pelo mundo inteiro, mudando assim, rapidamente, a vida humana” (1998, p.128).

Com o mesmo intuito, Galimberti observa que, na origem, o homem nasce para si mesmo a partir de um mundo que ele consegue construir para si, pois “(...) não existe um homem e um mundo, mas, originariamente, um agir técnico que cria um mundo para o homem, que assim se torna homem desse mundo” (2006, p.98). Assim como o pássaro joão-de-barro utiliza o barro e a água para construir a sua morada, o bem-te-vi utiliza capim e pequenos fios para fazer o seu ninho. O que se busca demonstrar, a partir deste exemplo, é que a habilidade e o emprego instrumental, utilizado pelos pássaros, limitam-se na condição de tornar o ambiente construído o melhor possível para as próprias necessidades. Ao contrário, o ser humano, influenciado pela técnica, tende a construir o que vai além de suas necessidades. Todavia, Galimberti observa que: “Ser-no-mundo significa, então, ser-no-mundo-para-fazer, e não apenas para se adaptar, como é o caso da condição do animal, porque o mundo humano não é feito só de coisas, mas, sobretudo, de ações” (2006, p.92). Se as ações humanas assumissem a condição da necessidade e não da soberba e preponderância diante das decisões, ter-se-ia um mundo mais sustentável e preservado.

É pela via do desejo de descobrir, criar e construir lugares e paisagens que a capacidade humana passou a aumentar seu potencial de invenções e de criações, fazendo com que o fazer superasse o agir. Entretanto, não seria essa a razão pela qual a ética não conseguiu regular a técnica? A ética poderia normatizar e orientar os avanços da técnica?¹⁰ Através destes questionamentos, Jonas observou que a Técnica Moderna “(...) introduziu ações de uma tal ordem inédita de grandeza, com tais novos objetos e conseqüências, que a moldura da ética antiga não consegue mais enquadrá-las” (2006, p.39).

Todavia, se as éticas tradicionais consideraram que os efeitos de ações humanas teriam um alcance limitado, é porque os riscos e danos eram menores. Tanto que as normas e os valores da moral tradicional não tiveram que se ocupar com as condições de vida futura da humanidade, pois o homem não tinha poder suficiente para colocar a vida em perigo. Nesta perspectiva, Galimberti (2006, p.519) assegura que esta é a chave da questão, pois a técnica não escolhe a sua finalidade, mas sim, o resultado de seus procedimentos.

Enquanto a ética tiver, diante de si, situações que não foram escolhidas, seu agir não pode prescindir. É movido por este sentimento e por esta preocupação, que Jonas clama e alerta:

Eu não critico a técnica ou a civilização tecnológica como tal. Não a entendo como uma aberração humana ilícita. Mas sou diagnosticador e prognosticador; um destes que mostra o que acontece e aonde tudo isso poderá nos levar. Para isso também, é preciso fazer o papel do professor agoureiro. Porque nem nós nem nossos descendentes devemos chegar a uma situação em que já não tem acesso e nem fuga possível (2001, p.107).

Esta citação tem uma importância ética, extremamente própria, pois as oportunas formas do poder parecem ganhar, cada vez, mais autonomia. Por esta via, Giacóia compreende que a Técnica Moderna está interiormente instalada para “o emprego em larga escala e, nesse processo, torna-se talvez demasiado grande para a extensão do palco sobre o qual ela se passa, a terra, e para o bem estar dos próprios atores, os homens” (1999, p.411).

Dentro desta perspectiva, Hans Jonas evidencia que os efeitos cumulativos tendem a espalhar-se “(...) sobre a vida de milhões de pessoas, em outros lugares e no futuro, que não têm voz, nem voto ao respeito” (1997, p.35). Neste impasse, as vidas que ainda não nasceram, e que não têm possibilidade de defesa sobre aquilo que é feito, devem ser respeitadas pelo direito à vida, pelo direito de existir em um mundo possível de ser habitado.

Ao encontro desta ideia, Jonas assegura que as novas dimensões do poder tecnológico aumentaram “consideravelmente as consequências de nossas ações expandindo nossa responsabilidade a aspectos antes desconhecidos e, portanto, nunca meditados desde um ponto de vista ético. Tudo isso impõem a responsabilidade moral tarefas radicalmente novas” (2001, p.151).

O aumento do poder tecnológico também colocou a Educação diante de uma tarefa urgente, ou seja, é preciso orientar e alertar a civilização sobre a ambivalência e as consequências da Técnica Moderna. Conforme Jonas menciona, são tarefas que exigem, da Responsabilidade moral, um alcance totalmente novo e desafiador.

5. Considerações Finais

A solução para os problemas centrais da existência humana sobre a Terra consiste, segundo Jonas, em “humanizar os conhecimentos tecnocientíficos” (1997, p.48), ou seja, é preciso “desarmar” o tecnicismo mostrando a importância de valorizar todas as áreas do conhecimento. Na análise de Wolin, Jonas foi ao encontro desta ideia, pois sua estratégia filosófica consistiu justamente em “(...) humanizar a natureza e naturalizar a humanidade” (2003, p.183).

É preciso fortalecer e ampliar a ideia da responsabilidade enquanto categoria central para a Educação, pois não basta discutir os problemas da Técnica Moderna, da relação do homem com o meio, do esgotamento das reservas naturais, se a responsabilidade, de forma contínua e permanente nas escolhas e condutas diante da vida, não for assumida. Por exemplo, o uso incontrolável dos recursos provenientes do meio ambiente, além de ameaçar e comprometer o esgotamento e a escassez das reservas naturais, coloca em risco a própria essência do homem. Dito isso, Jonas observa que a violação da natureza e da civilização sempre andaram de mãos dadas: “Uma na medida que ele se aventura na natureza e subjuga as suas criaturas; a outra, na medida em que erige, no refúgio da cidade e de suas leis, um enclave contra aquelas” (2006, p. 32). No entanto, afirma o autor, está em cada indivíduo a responsabilidade e a possibilidade de “(...) fazer algo para mudar o rumo de sua ameaça, modificando nisto ou naquilo nossa forma de vida” (1997, p.54). Por exemplo, através de uma Educação com princípios responsáveis, é possível orientar o ser humano a agir com prudência e moderação diante das escolhas, mostrando o quanto se sacrifica da vida em benefício próprio. Da mesma forma, através das consequências do consumo irresponsável e da exploração desenfreada dos recursos

naturais, é notável que o sofrimento humano ocorre mais pela falta do supérfluo, do que o necessário para sobrevivência.

Através da Educação será possível mensurar e analisar o que é necessidade, gula, desejo ou impulso diante das escolhas, tornando-a uma ferramenta essencial para guiar a vida com responsabilidade. A Educação complementa Jonas, “não reside em outra coisa que em abrir os olhos para o que já se vê, de tal forma que todos podem vê-lo” (2001, p.130).

No meio de tantos entraves, incertezas e inseguranças, cabe lembrar que outro mundo é possível. Um mundo em que as famílias eduquem seus filhos com dignidade, orientando para o cuidado, respeito e valorização da vida. Um mundo em que o Estado assuma, com responsabilidade, os percalços, limitações e fragilidades das sociedades, em que as instituições de ensino mostrem além de teorias, o quanto cada um é responsável pelo futuro de toda biosfera. Ou seja, a responsabilidade deve estar presente em todas as ações, em todas as esferas da vida, caso contrário, Jonas alerta, é possível “que a humanidade chegue a uma situação de bote salva vidas!” (1997, p.193). Movidos por essa incerteza em relação ao futuro, reafirma-se a importância da educação para a Responsabilidade, caso contrário, conclui Jonas: “É completamente possível que a coisa termine tragicamente para a humanidade. (...) nós e nossos descendentes devemos fazer algo a respeito, de maneira consciente” (2001, p.111). Se cada Ser é protagonista de sua própria história, é possível afirmar que está em cada Ser a responsabilidade e a possibilidade da vida. Outrora, a preservação do todo, da vulnerabilidade do Ser, necessita de um comprometimento que esteja orientado pela ética, e é nisto que incide a potencialidade educativa da Responsabilidade, em orientar para a preservação da integridade humana, e, da essência de toda biosfera, remetendo a historicidade do passado, para melhor agir no presente a fim de garantir um mundo digno de amanhã.

Referências

CANAL, Jaime Yanéz. *La propuesta de Hans Jonas. Revista Colombiana de Psicología Técnica y Responsabilidad*. Bogotá: Universidade Nacional de Colombia, nº.7, Ano MCMXCVIII (1998).

COMÍN, Illana Giner. Introdução. In: JONAS, Hans. *Más cerca del Perverso Fin y otros Diálogos y Ensayos*. Tradução de Illana Giner Comín. Madrid: Catarata, 2001.p.7.30.

ESQUIROL, M, Josep. *Los Filósofos contemporáneos y la técnica de Ortega a Sloterdijr*. Barcelona: Gedisa, 2011.

GALIMBERTI, Umberto. *Psique e Techne: O homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.

GIACOIA Junior, Oswaldo. Hans Jonas: por que a técnica moderna é um objeto para a ética. *Natureza humana*, Dez 1999, vol.1, nº. 2, p.407- 420.

SGANZERLA, Anor. *Natureza e Responsabilidade: Hans Jonas e a biologização do ser moral*. 2012. Tese (Doutorado em Programa de Pós Graduação em Filosofia) Universidade Federal de São Carlos.

JAPIASSU, Hilton. *A crise da razão e do saber objetivo: As ondas do Irracional*. São Paulo: Letras e Letras, 1996.

JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade*: Ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.

_____. *Princípio Vida*. Fundamentos para uma biologia filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Más cerca del Perverso Fin y outros Diálogos y Ensayos*. Traducción de Illana Giner Comín. Madrid: Catarata, 2001.

_____. *Técnica, medicina y ética*: sobre la práctica del principio de responsabilidad. Barcelona: Paidós, 1997.

LINTON, Ralph. *O Homem*: Uma Introdução à Antropologia. Tradução: Lavínia Vilela. 8 ed. São Paulo: Martins, 1971.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, nº 176, p.01-27, 2012.

SANTOS, Robinson dos. O problema da técnica e a crítica à tradição na ética de Hans Jonas. In: SANTOS, Robinson dos; OLIVEIRA, Jelson; ZANCANARO, Lourenço. *Ética para a civilização tecnológica: em diálogo com Hans Jonas*. 1º Ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2011.p.22- 40.

WOLIN, Richard. *Los Hijos de Heidegger*: Hannah Arendt, Karl Löwith, Hans Jonas y Herbert Marcuse. Traducción de María Condor. Madrid: Huertas, 2003.

Notas

¹Esse artigo é resultante das investigações realizadas na Tese de Doutorado em Educação defendida por Cláudia Battestin no ano de 2014 sob a orientação do Prof. Gomercindo Ghiggi e Co-orientação do Prof. Robinson dos Santos.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões –URI- Campus de Frederico Westphalen. Faz parte do Grupo de Pesquisa em Hans Jonas e da Rede Iberoamericana de Pesquisas em Políticas e Processos de Educação Superior. Email:battestin@uri.edu.br

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).Emails: gghiggi@terra.com.br

⁴ Doutor em Filosofia pela Universidade de Kassel (Alemanha). Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Email:dossantosrobinson@gmail.com

⁵ É por meio dos acontecimentos históricos que se pode observar o quanto a trajetória e a compreensão da humanidade foi alterada com o passar dos séculos. Por exemplo: durante a II Guerra Mundial (1945), os Estados Unidos bombardearam as cidades de Hiroshima e Nagasaki, causando a morte de aproximadamente 200 mil pessoas. No dia 11 de setembro de 2001, o atentado terrorista às torres gêmeas nos EUA deixou milhares de pessoas sem vida. As duas tragédias alteraram a compreensão humana sobre a vida e, principalmente, sobre a potencialidade da Técnica Moderna.

⁶ Nos escritos de Jonas, a técnica é compreendida como a técnica pré-moderna ou a técnica antiga, que por sua vez, apresentam a mesma significação, ambas podem ser compreendidas como um conjunto de ferramentas e procedimentos disponíveis à sua regulação, ficando sempre entre meios e fins. Já a Técnica Moderna refere-se a contemporaneidade, uma vez que Jonas não pensa o conceito de Técnica Moderna sob o ponto de vista histórico.

⁷ Cabe ressaltar que antes deste período os utensílios de uso humano eram trocados somente em caso de desgaste natural. Por outro lado, atualmente os produtos passaram a ser substituídos pelos anos de aquisição, ou seja, pelos anos de uso ou por qualquer novidade apresentada no mercado.

⁸ Ao encontro desta ideia, e na compreensão de Canal: “Em razão das amplas (espacial e temporal) e incalculáveis dimensões da ação técnica, Jonas nos convida a pensar desde o início de cada intervenção o projeto técnico nas consequências negativas e positivas que podem ter para a existência humana” (1998, p.128).

⁹ Segunda a compreensão de dos Santos: “No entender de Jonas, é justamente o ‘sucesso’ da técnica que devemos temer e não o seu fracasso, pois o que está em jogo nesse desempenho é, nada mais e nada menos, do que o futuro da humanidade inteira e do planeta que habitamos. Esses, conforme argumenta Jonas, não podem ser objetos de aposta. Eis o que implica, *grosso modo*, uma nova postura na relação com o mundo: uma relação pautada pela ‘responsabilidade’ (2011, p.24).

¹⁰ Oliveira contribui para pensarmos sobre essa questão, afirmando que: “A ética é, assim, uma espécie de medicina para a doença da técnica. Não para a doença que a técnica é, mas para a doença que ela pode conter e para aquela que ela pode provocar. Os sinais, segundo Jonas, nos mostram que estamos na zona de perigo simplesmente pelo fato de que os homens abandonaram a capacidade de impor um poder sobre o poder, ou seja, uma avaliação ética sobre a técnica. Os homens não podem simplesmente continuar como passivos súditos da técnica porque para Jonas agora “o prejuízo da liberdade humana devido à coisificação de seus próprios atos” é maior e mais efetivo do que no passado devido à magnitude e ambivalência do poder técnico. Hoje cada novo passo exige (como um poder *tirânico*) o seguinte até a posteridade que pagará a conta (2012, p.10).

Recebido: março-15

Aprovado: julho-15